

MARTÍN FIERRO NA LITERATURA BRASILEIRA: OS RASTROS DE UM PERCURSO

Léa Masina
UFRGS

O trabalho que venho desenvolvendo, cujo foco é a recepção do poema *Martín Fierro*, de José Hernández, no Brasil, faz parte do projeto de pesquisa “Influxos platinos na literatura brasileira” que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O relato que apresento ao XV ENCONTRO DA ANPOLL pretende registrar as marcas deixadas pelo *Martín Fierro* na literatura sul-rio-grandense, ao mesmo tempo que pretende contribuir para a valorização do influxo platino no sistema literário brasileiro. O influxo platino, visto com maus olhos pela crítica modernista, confere peculiaridade aos textos da literatura brasileira fronteiriça, eis que esta transfigura o fato histórico no literário, confundindo essas duas instâncias e possibilitando uma visão múltipla das culturas latino-americanas meridionais em diálogo.

Meu pai, gaúcho urbano, filho e neto de fazendeiros gaúchos, costumava citar, de memória, ditos e frases populares, originários do poema *Martín Fierro*. *El diablo sabe por diablo pero más sabe por viejo* era um desses. Na casa de minha avó circulavam histórias campeiras que se misturavam às lendas da Salamanca do Jarau e do Negrinho do Pastoreio. Algumas dessas passagens, marcadas pelo assombro, pela admiração e pelo medo, tumultuaram as minhas tardes na pacata Porto Alegre de pouco mais que meados do século, misturadas ao terror das degolas de 93.

O mais impressionante desses relatos dizia respeito à demonologia dos índios. Eles eram a encarnação do demônio; viviam num deserto, de onde saíam para matar e roubar gado, crianças e até as mulheres que habitavam as fazendas e os ranchos próximos às fronteiras platinas. Certa vez, após uma dessas invasões, capturaram uma mulher branca, torturaram-na e maltrataram-na cruelmente, terminando por amarrá-la com as tripinhas do filho, cujo corpo, destruído, jazia a seus pés. Havia, também, a história de um jovem louro, com o olhar manso de ovelha, afogado aos poucos num regato, para acalmar a ira dos bárbaros que o julgavam mensageiro de desgraças.

Anos depois, encontrei essas histórias nas coplas do *Martín Fierro*. Elas eram contadas nos galpões e nas cozinhas das estâncias, confundindo-se com façanhas de guerra que a imaginação campeira ampliava e transformava, associando o dia a dia da campanha com o extraordinário e o sobrenatural.

Com isso, quero dizer que o *Martín Fierro*, no Brasil, propagou-se pela repetição, atravessando a fronteira meridional do país e ocupando um espaço real e imaginário que confundia, na reza e na credence, a experiência vivida, a superstição religiosa e a imaginação. Essa carga mítica, comum aos textos fundadores, explica a capacidade de migração dos mitos de um sistema literário para outro, em momentos decisivos da formação das identidades culturais.

A despeito das incontáveis leituras que se possam fazer, hoje, do texto de Hernández e de seu cunho marcadamente racista e conservador, há que registrar como denominador comum às narrativas platinas o registro do acento cruel e sanguinário que a cultura fronteiriça ibérica gerou e que os textos literários multiplicaram. O contrário ocorre com relação ao discurso histórico de XIX e primeira metade de XX : nessas narrativas, a violência das guerras internas e fronteiriças e o comportamento cruel de seus protagonistas sofrem um processo de abrandamento pois, ao ordenar os fatos com pretensa objetividade, esse discurso dissimula os pontos fulcrais - e incontroláveis - do seu conteúdo. Lêem-se hoje, nesses textos, as marcas do esforço positivista de adequar a realidade para torná-la

digerível pela cultura urbana e civilizada, eis que a crueldade e a violência são execráveis porque rompem com a ordem e o progresso. Portanto, é preciso esquecer, sublimar, e excluir, para que tais elementos não deponham contra a civilização urbana e hegemônica.

No *Martín Fierro*, no entanto, sofrimento, violência e crueldade são vitais, o que talvez explique o interesse que o poema despertou nos leitores da campanha, que reconheciam como próprios as desditas, as fraquezas e os traços duvidosos e politicamente incorretos do caráter das personagens. A popularidade da obra é confirmada pelo registro, dentre outros, do crítico e historiador literário Ricardo Rojas, que refere a existência de mais de 40.000 folhetos e livros com o poema, que circularam de 1872, ano da publicação de *La Ida*, a 1879, ano da publicação de *La Vuelta*. Os textos críticos mais difundidos referem o fato de o *Martín Fierro* ser vendido em armazéns, ao lado de açúcar, cebolas e ramos de fumo em corda. Além disso, pode-se ler em carta de Hernández a referência a inúmeros periódicos argentinos e uruguaios que publicaram o poema na íntegra ou extensas partes dele, ampliando, desse modo, o número de seus leitores. Tanto assim que o próprio autor, em carta a seus editores, por ocasião do lançamento da oitava edição do poema, refere o interesse que a imprensa argentina e uruguaia demonstravam por sua obra, reproduzindo-a na íntegra ou em extensos fragmentos. Cita, dentre outros: “La Prensa”, “La República”, de Buenos Aires, “La Prensa de Belgrano”, “La Época” y “El Mercurio”, de Rosario, “El Noticiero”, de Corrientes, “La Libertad”, de Concordia, y otros periódicos cuyos nombres no recuerdo, o cuyos ejemplares ho he logrado obtener. Cita, também, periódicos uruguaios, dentre os quais “La Tribuyna” y “La Democracia”, de Montevideo, “La Constitución” y “La Tribuna Oriental”, de Paysandú.

Como as fronteiras culturais são flexíveis e existem para serem transgredidas, tudo leva a crer que Hernández fosse lido nas cidades fronteiriças do Brasil, como era lido na Argentina e no Uruguai. Percebeu-o o crítico e historiador literário Guilhermino Cesar, ao trazer para suas aulas de Literatura Brasileira, Já na década de sessenta, o texto de Hernández e o ensaio *El payador* (1913), de Leopoldo Lugones, para ressaltar as diferenças entre a figura do gaúcho herói da pátria e o gaúcho sociológico estudado, dentre outros, por Madaline Wallis Nicholson em 1946. A figura do *payador*, que Lugones se encarregara de divulgar em conferências no Teatro Odéon, em Buenos Aires, pouco antes da eclosão da primeira guerra mundial, servira à composição mítica de uma canção de gesta, conciliando sob a feição do canto e da repetição das coplas, o ritmo choroso e nostálgico do pampa, tão a gosto da poética gauchesca. Não obstante, os ensaios de Lugones, embora fundamentais para a fortuna crítica do *Martín Fierro*, ao insistir no caráter nacional e patriótico do poema, subjugam questões essenciais. Isso porque, deslocando a violência e a crueldade para a posição de fatos geradores da questão social, eles as estratificam, sem permitir que aflorem como denúncia de um estado de litígio permanente. Lugones minimiza-as também ao apresentar o poema como representação do épico, reduzindo a carga poética e literária do texto.

Dessas conferências, de 1913, resultou, portanto, o ensaio *El Payador*, que letigitmou o *Martín Fierro* na Argentina, elegendo o viés épico como dominante. Jorge Luis Borges, anos depois, opôs-se a essa leitura, sugerindo um movimento contrário: considerou o *Facondo*, de Sarmiento, mais adequado como representação da “argentividade” porque sua tese de civilização versus barbárie corresponderia mais precisamente à verdadeira história do país. Quanto ao Fierro, seria mais fácil recordar, pela memória, o episódio da morte do negro do que apreender as intenções políticas de Hernández. Como Borges irá reafirmar em entrevista concedida a Cesar Fernández Moreno, a importância do *Martín Fierro* resultou do caráter inventivo de sua história, de sua condição literária em tudo avessa à alegoria épica.

Antes, porém, de comentar o percurso de Fierro no Brasil, cabe uma digressão. Durante muito tempo, Hernández e Fierro confundiram-se na consciência dos leitores. Há

registros de que o escritor fosse conhecido como o Senador Martín Fierro. Além disso, criou-se a hipótese de que o poema fosse a transcrição literária de um caso verídico, reproduzindo a vida de um gaúcho real, Melitón Fierro, cujo ciclo de aventuras servira de tema ao escritor, conforme o sustentou Rafael Velázquez (1972). A confusão entre o real vivido e o imaginado, tão perturbadora quando se trata de examinar questões como a da autoria da subjetividade e das projeções autobiográficas e, ainda mais, de relacionar os discursos histórico e literário. Ela mostra-se rentável, no entanto, para compreender a simbiose que consiste na participação do povo à criação dos mitos. Nesse sentido, o seqüestro de um campeiro pela milícia das fronteiras argentinas, por seu apelo sociológico e histórico, prolonga a visão de mundo do escritor que se expressa nas digressões filosóficas que encerram o poema. A partir desse tema, inúmeras leituras tornam-se possíveis: dentre elas, a épica, de valorização dos episódios da conquista do deserto; e , ainda, a social e causalista, com ênfase na denúncia do atraso, do genocídio e da escravidão do homem civil e pobre, males legitimados por uma civilização de bárbaros, para apreender numa síntese a dicotomia de Sarmiento.

Veja-se, pois, que apesar de o *Martín Fierro* ser uma réplica de Hernández às idéias conservadoras de Sarmiento, o poema supera a ideologia visível, enquanto articulação formal da inconformidade humana. Além disso, é preciso ter em conta a biografia do autor, que registra seu apreço pelo texto “La sabiduría popular de todas las naciones”, de Ferdinand Denis, o que o redime das acusações de federalista e cantor de valores superados, deslocando-o para o espaço do conhecimento e da cultura popular.

No Brasil, no entanto, a trajetória do *Martín Fierro* teve outro direcionamento. Este não foi determinado inicialmente pela crítica, mas pela leitura e pela transmissão oral, a partir das cidades da fronteira e, particularmente, por sua circulação nas estâncias e pequenos lugarejos interioranos. Até 1942, ano de sua primeira tradução no Brasil, pelo poeta J. Nogueira Leiria, o texto já fora incorporado aos imaginários fronteiriços, podendo ser relido como parte das obras mais representativas do Regionalismo literário. A já citada morte do Moreno, uma das coplas mais ressonantes do poema, estranha pela gratuidade de que se reveste a violência, excluindo qualquer motivação heróica, ressurgiu no conto *O negro Bonifácio*, de Simões Lopes Neto. A publicação dos *Contos Gauchescos*, em 1910, atesta a absorção do episódio. Nele Nadico, o noivo da Tudinha, ao sentir-se provocado pela desfaçatez do negro e por seu desrespeito para com ambos, transforma o fandango num campo de batalha. O conto termina com a morte dos homens e a manifestação do ciúme da Tudinha que, ajoelhada sobre o negro, dilacera-lhe o corpo a facadas. A intriga segue as coplas de Hernández, recheadas com os elementos da poética simoniana.

Também Alcides Maya foi leitor do *Martín Fierro*. A partir da fixação do espaço, transformado em cena e em clima narrativo, Maya reescreve o percurso do soldado que retorna para a querência e encontra a tapera, vinga-se quando expulso da terra, reage, deserta e foge. O “pampa histórico” a que Maya se refere, é o espaço idealizado ao qual se apega o *payador*, uma das facetas do “gaúcho antigo”. Mas, seguramente, o que Maya herda do Martín Fierro é a resistência muda, o desassossego e a descrença na autoridade e no futuro, o que leva as personagens a lastimarem as perdas passadas e a antecipar as vindouras, desenvolvendo um pessimismo letárgico e quase substancial. A decantada nostalgia campeira, tornada mais amarga pelos “horrores da chacina”, comuns em tempos de guerra, celebra, a seu modo, a violência do campo, temática dominante na literatura *campagnard* platina.

Há diferentes modos de ver o influxo do *Martín Fierro* na literatura gaúcha. Contrapondo-se à escassez de ensaios e textos críticos de brasileiros a respeito do poema, são inúmeras as obras literárias que trazem as marcas desse contágio: ele está, por exemplo, na sátira *Antonio Chimango*, de Amaro Juvenal; nos romances e poemas de Aureliano de Figueiredo Pinto, Aparício Silva Rillo, Darcy Azambuja, Luis Carlos Barbosa Lessa e Cyro

Martins. Mais recentemente, na paródia *Martim Fera*, de Donald Schuler, e nos contos contemporâneos, alguns inéditos, de José Blaya, cujo projeto literário inclui a releitura ficcional de coplas de Hernández. Isso reforça a certeza de que literatura se faz com literatura, uma vez que o texto literário, ao eleger sua forma, cria também uma tradição que pode ser seguida ou permanecer oculta, dando espaço, inclusive, para os avanços contradiscursivos.

Cabe, então, indagar porque o poema de Hernández, cujo herói é um renegado e um desertor, ladrão e assassino, contribui para fundar a tradição regionalista brasileira, trazendo o elemento de diferença e resistência ao modernismo e à avalanche globalizadora que se impõe à crítica literária brasileira a partir de então. As respostas podem ser buscadas na alternância dos discursos histórico e literário, sendo o segundo capaz de preencher as lacunas do primeiro, uma vez que narram os fatos como metáforas, possibilitando que neles se realizem as potencialidades paradoxalmente mais reais da linguagem literária.

Bibliografia:

- ANDERSON IMBERT, Enrique. *Los poetas gauchescos: Del Campo, Hernández*. In: *Historia de la Literatura Hispanoamericana I*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p.296.
- AYALA, Waldir. *A tradução de Martín Fierro*. In: Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p.39-41, set. 1989.
- BORGES, Jorge Luis. *El "Martín Fierro"*. Buenos Aires: Editorial Columbia, 1953.
- BIOY CASARES, Adolfo. *Memoria sobre la Pampa y los Gauchos*. Buenos Aires: Sur, 1970.
- CANAL FEIJÓO, Bernardo. *Número y Símbolo en el Bestiario*. In: GONZÁLEZ LANUZA, Eduardo. *Bestiario del Martín Fierro* Buenos Aires: Cuadernos del Fondo Nacional de las Artes, 1971. p. 5-11
- CANAL-FEIJÓO, Bernardo. *De las "aguas profundas" en el Martín Fierro*. Buenos Aires: Fondo Nacional de Las Artes, 1973.
- CANDIDO, Antonio. *Los brasileños y "nuestra América"*. In: _____. *Ensayos y comentarios*. Mexico: Fondo de Cultura Económica; Campinas: Unicamp, 1995. P. 319 – 330.
- CANDIDO, Antonio. *Visiones radicales de Brasil y de América Latina*. In: _____. *Ensayos y Comentarios*. Mexico: Fondo de Cultura Económica; Campinas: Unicamp, 1995. P.331-353.
- CANE, Miguel. *Juicio crítico*. In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Argentina: Sopema, 1948, p. 5-6
- CESAR, Guilhermino. *Amigos e inimigos de Martín Fierro*. In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Leopoldo Collor Jobim Tradutor. Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.
- DI CANDIA, Alcides J. *Ayudando a leer el Martín Fierro*. Montevideo: Comisión Nacional de Homenaje del Sesquicentenario de los hechos históricos de 1825, 1975.
- GONZÁLEZ LANUZA, Eduardo. *Bestiario del Martín Fierro*. Buenos Aires: Cuadernos del Fondo Nacional de las Artes, 1971.
- HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. *Historia de la cultura en la América Hispánica*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p.105.
- ISAACSON, José. *Martín Fierro: cien años de crítica*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1986.
- JOBIM, Leopoldo. (Tradutor). *Martín Fierro*. Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1980.
- KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones. El concepto de región desde la teoría literaria*. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman, Facultad de Filosofía y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

- KALIMAN, Ricardo. *Cultura imaginada y cultura vivida. Indigenismo en los Andes Centromeridionales*. Revista de Crítica Literária Latinoamericana. Año XXI, n.42. Lima-Bekerley, 2º semestre de 1995; pp. 87-99.
- LUGONES, Leopoldo. *El Payador*. 3.ed. Buenos Aires: Centurión, 1961.
- MARTÍNEZ ESTRADA, Ezequiel. *Muerte e Transfiguración de Martín Fierro*. Ensayo de interpretación de la vida argentina. Buenos Aires-México, Fondo de Cultura Económica, 1948. 2 vols.
- MENÉNDEZ Y PELAYO, Marcelino. *Martín Fierro*. In: *Antología de los poetas hispano-americanos*. Madrid: Real Academia Espanhola, Sucesores de Rivadeneyra, 1895. In: ISAACSON, José. *Martín Fierro: cien años de critica*. Buenos Aires:Plus Ultra, 1986. P.57-8.
- MONTES, Eudaldo G. *Mi gaucho: anotaciones sobre Martín Fierro*. Montevideo: Adroher, 1945.
- ORÍA, José A . José Hernández (1834-1886), autor de Martín Fierro. Prologo. In: HERNÁNDEZ, José. *El gaucho Martín Fierro. La vuelta de Martín Fierro*. Madrid: Edaf, 1983. p.11-23.
- RABUSKE, Arthur S.J. *O gaúcho Martin Fierro e Antonio Chimango*. São Leopoldo: Separata de Estudos Leopoldenses da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 1976, n; 39
- RELA, Walter. *El gaucho en el contexto sócio-político rioplatense (desde la época colonial hasta fin del siglo XIX)*. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 24, n.3, p. 9-22, set. 1989.
- RELA, Walter. *Martín Fierro - La obra*. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 24, n. 3, p. 23-38, set. 1989.
- ROJAS, Ricardo. *La literatura argentina; Los gauchescos*. 2.ed. Buenos Aires: Librería “La Facultad”, 1924. (a primeira edição é de 1917-1922)
- ROJAS, Ricardo. *Estudio crítico-analítico*. In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Buenos Aires: Editorial Clydoc, 1945, p. xiii-xci.
- SACHET, Celestino. *A sátira em Antonio Chimango e Martín Fierro*. Revista Letras de Hoje, v. 24, n.3, p. 43-53, set. 1989.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Simões Lopes Neto e a Literatura deos Povos Platinos*. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v.24, n. 3, p. 77-88, set. 1989.
- SCHÜLER, Donald. *De Martín Fierro a Martín Fera - entrevista imaginária*. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 24, n.3, p. 111-116, setembro de 1989.
- SOARES, Mozart Pereira. *Glossário do Martín Fierro*. In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. (Tradução de J.º Nogueira Leiria). 6.ed. 2.ed. bilígüe. Porto Alegre: Tchê!, ABET, 1991.p.247-261.
- TISCORNIA, Eleuterio T. *La vida de Hernández y la elaboración del Martín Fierro*. In: ISAACSON, José. *Martín Fierro: cien años de crítica*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1986. p. 151-159.
- VELAZQUEZ, Rafael P. *La personalidad historica de Martin Fierro. (Tercera y ultima parte)*. Buenos Aires: Madariaga, 1972.
- VERÍSSIMO, José. *Cultura, Literatura e política na América Latina*. (Seleção e apresentação: João Alexandre Barbosa). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ZUM FELDE, Alberto. *La poesia gauchesca*. In: ____ . *Proceso Intelectual del Uruguay*. 4.ed. Montevideo: Librosur, 1985. p.59-67
- PERIÓDICOS PRUNES, José Luis Ferreira. *O conceito de trabalho segundo Martín Fierro*. Correio do Povo, Caderno de Sábado. Porto Alegre, 6 mar. 1976, p.11
- ZERO HORA, Caderno de Cultura - Caderno Especial : 28 de março de 1998.
- CARLE, Ricardo. *Ressurgem originais de Hernández*. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 28.03.98, p. 2

- CARLE, Ricardo. *Um fantasma que atormenta as letras*. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 28.03.98. p.3
- CARLE, Ricardo. *Na divisa entre vida e literatura*. Jornal Zero Hora. Porto Alegre, 28.03.1998, p. 4-5
- CARLE, Ricardo. *Guerra marca alma gaúcha de Livramento*. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 28.03.98, p.6-7
- CARLE, Ricardo. *Um guerreiro amigo dos versos*. Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 28.03.98, p. 8-9